
Caracterização das práticas pedagógicas como ferramenta para o aprendizado de crianças com TDAH

Glaciane Lopes de Silva*
Hariádila Eler de Moura Freitas
Luciene de Sousa Andrade
Mariane França Melo

Orientadora: Profa. Vera Lúcia Lins Santana**

Resumo

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), considerado o transtorno mais diagnosticado atualmente, está presente em torno de 5% da população em idade escolar. Trata-se de um tema controverso na sociedade e um desafio frequente nas escolas que requer a abertura de um espaço privilegiado de reflexão e discussão sobre ele. Crianças cujos problemas com atenção, impulsividade e hiperatividade atingem certo nível têm uma incapacidade em seu desenvolvimento conhecida como transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Nesse sentido, o artigo visa apresentar algumas práticas pedagógicas que podem ser utilizadas como ferramentas no processo de ensino e aprendizagem dessas crianças. Nele sugerimos como o professor pode auxiliar e educar o aluno que apresenta esse transtorno. Diferentes propostas serão apresentadas, todas baseadas em perspectivas teóricas que proporcionam uma reflexão sobre o assunto. Essas ações pedagógicas somam-se às didáticas e metodologias que possibilitam enfrentar com mais eficácia as dificuldades dos alunos com TDAH.

Palavras-chave: TDAH; Práticas Pedagógicas, Aprendizagem.

Introdução

Na infância, costuma ser comum as crianças serem mais ativas, menos atentas e mais impulsivas. Porém, exige-se uma atenção maior por parte dos pais, se esses comportamentos passarem a interferir negativamente na vida da criança.

Por outro lado, como afirma Barkley, “outros pais podem recusar-se a admitir como problemáticos esses comportamentos,

encarando-os simplesmente como atitudes normais, assegurando-se de que são características naturais das crianças e que não há a necessidade de alarde.” (BARKLEY, 2002, p. 11).

Crianças cujos problemas com atenção, impulsividade e hiperatividade atingem certo nível têm uma incapacidade em seu desenvolvimento conhecida como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

*Alunas do Curso de Pedagogia com Aprofundamento em Necessidades Educacionais Especiais da PUC Minas.

**Mestre em Educação e Doutora em Ciências da Religião. Professora e pesquisadora do Curso de Pedagogia da PUC Minas.

Como afirma Teixeira (2006),

o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade é um dos transtornos comportamentais com maior incidência na infância e na adolescência. Pesquisas realizadas em diversos países revelam que o TDAH está presente em torno de 5% da população em idade escolar. Trata-se de transtorno caracterizado basicamente pela tríade sintomatológica: Déficit de atenção, hiperatividade e impulsividade. (p. 33).



Figura 1

Fonte: Desenhos de Mariane França Melo

O comportamento inquieto ou desatento das crianças produz desconforto em todas as dimensões na vida da criança, mas é na escola, onde se exige concentração e atenção, que o transtorno aparece de forma mais evidente.

Nesse sentido, o professor, para lidar com esses alunos, deve utilizar como ferramentas práticas pedagógicas que favoreçam a interação social e o aprendizado das crianças com TDAH.

O comportamento inquieto ou desatento das crianças produz desconforto em todas as dimensões na vida da criança, mas é na escola, onde se exige concentração e atenção, que o transtorno aparece de forma mais evidente.

Nesse sentido, o professor, para lidar com esses alunos, deve utilizar como ferramentas práticas pedagógicas que favoreçam a interação social e o aprendizado das crianças com TDAH.

Ato de educar: desafios à prática pedagógica

Várias teorias acerca do funcionamento psicológico de cada ser humano afirmam que já nascemos com uma tendência para a aprendizagem. Quando aprendemos, construímos saberes e trocamos experiências com outras pessoas que convivem conosco. Para que haja um bom aprendizado, é necessário um ambiente propício para haver essa troca, e nada melhor que a sala de aula para ocorrer e ser proporcionada essa construção.

Consultando o verbete “didática” no Dicionário do Aurélio, encontramos que consiste na técnica de ensinar e aprender. Para a educação, segundo Espírito Santo (2002), não é adequado se referir à didática como sendo uma técnica, pois, para ele, técnica é coisa para máquinas e não para seres humanos. A educação deve ir além das técnicas, deve perder o formato de padrão para poder, através do ensino, possibilitar o aprendizado ao aluno, principalmente aos que possuem uma deficiência ou um transtorno, incentivando-os a tomar consciência de seu potencial na sociedade e de suas competências. Assim, a didática deverá, em seu sentido profundo, conduzir o educador à percepção de sua incrível tarefa de ensinar para aprender, desenvolvendo no professor as habilidades de ensinar e comunicar com seus alunos, com olhos e ouvidos renovados, construindo o saber e não impondo o que sabe.

Segundo Espírito Santo (2002, p. 35), “o trabalho do educador é fazer com que o aluno tome consciência de seu potencial criador e destruidor”, e do que suas ações terão como resultado. Nesse aprendizado, é necessário entender a dimensão do aprendizado que cada aluno construirá. O professor deve renovar constantemente seus métodos e ensino para transformar suas aulas em momentos prazerosos de construção e aprendizado do conhecimento de forma criativa e inovadora.

A aprendizagem, como parte de um processo social de comunicação, apresenta

alguns elementos que são muito importantes para o papel desempenhado pelo professor durante o processo de ensino-aprendizagem. Esses elementos são a comunicação entre professor e aluno, a mensagem exposta, quem irá receber essa mensagem e o meio ambiente em que está acontecendo o fato no nosso caso, a sala de aula. Se qualquer um deles falhar, haverá um obstáculo na comunicação, o que poderá causar problemas de aprendizagem.

Segundo Drouet:

A aprendizagem é gradual, isto é, vamos aprendendo pouco a pouco, durante toda a nossa vida. Portanto, ela é um processo constante, contínuo. Cada indivíduo tem seu ritmo próprio de aprendizagem (ritmo biológico) que, aliado ao seu esquema próprio de ação, irá construir sua individualidade. (DROUET, 1990, p. 08).

Aprendemos por nós mesmos, não podemos aprender pelos outros. As novas aprendizagens do indivíduo dependem de suas experiências anteriores. Assim, as primeiras aprendizagens servem de pré-requisito para as posteriores. Por esse motivo, a aprendizagem é um processo cumulativo, ou seja, cada nova aprendizagem vai se juntar ao repertório de conhecimentos e de experiências que o indivíduo já possui, indo constituir uma sua bagagem cultural.

O importante, segundo Espírito Santo (2002), é saber educar. O professor deve pensar que está passando aos alunos a sua verdade e necessita despertar a profundidade do aprender em cada aluno, visando estratégias que gerem prazer nos alunos em aprender, criar, inovar, construir, compreender e se socializar.

O ato de educar nasce do encontro do educador com seus educandos e a oportunidade nascerá mediante estratégias de abertura de um contato pessoal do educador com cada aluno distinto da sua classe. Quando se estabelecem estratégias que atinjam os diversos tipos de alunos, o professor faz de seu ato de educar algo significativo de uma

profunda vivência professor e aluno dentro do universo da disciplina.

Estratégias pedagógicas na dinâmica escolar das crianças com TDAH

Estratégias são definidas por Seixas como “um processo cognitivo que visa alcançar um determinado objetivo, através da análise da situação ou do contexto, das possíveis medidas a serem tomadas e do planejamento de ações” (SEIXAS, 2005, p.35). Nesse sentido, as estratégias pedagógicas são ferramentas que auxiliam o professor a planejar suas ações segundo as conclusões de suas análises acerca da aprendizagem de seus alunos.



Figura 2

Fonte: Desenhos de Mariane França Melo

Esse fato nos conduz a reflexões sobre os componentes que configuram esses desafios, para tanto nos baseamos em algumas das principais características do TDAH e, a partir delas, delineamos algumas possibilidades de intervenção que instrumentalizam e somam às ações do professor e favorecem o processo de aprendizagem do aluno com TDAH.

Segundo Rodhe (2003), as principais características do TDAH são a presença de um desempenho inapropriado nos mecanismos que regulam a atenção, a flexibilidade e a atividade motora. Lançamo-nos na hipótese de que estratégias que auxiliem os alunos com TDAH a desenvolver a atenção, a organização, o raciocínio e a memória componham o emaranhado de desafios enfrentados no cotidiano escolar.

Durante a adaptação das crianças com TDAH na rotina escolar, ocorre a construção de grandes desafios. Segundo Barkley (2002), a criança com TDAH tem grandes dificuldades de ajustamento diante das demandas da escola. Em contrapartida, os docentes enfrentam desafios acentuados na sua prática pedagógica. Para Goldstein e Sam (1994), a criança com TDAH provoca forte efeito na maneira do professor lidar com a sua classe de alunos como um todo.

Pensamos que a ação da escola é de extrema importância e o comportamento do professor perante a criança com TDAH influencia e determina o sucesso da aprendizagem. De acordo com Ferreira (2005):

A reflexão individual sobre a prática em sala de aula deve se somar ao conhecimento científico já existente sobre estratégias de ensino mais dinâmicas e inovadoras. [...] O conteúdo curricular pode se tornar mais acessível a todas as crianças, jovens e adultos em escolarização se for trabalhado por meio de estratégias de ensino participativas e inovadoras que possibilitam ao educando aprender a aprender autônoma e colaborativamente. (FERREIRA, 2005, p. 46).

O papel do educador é buscar e desenvolver meios que potencializem a sua prática e ofereçam um leque de competências múltiplas onde os alunos com TDAH possam se identificar e se anexar para alcançarem juntos a construção da aprendizagem por excelência. No campo infinito de meios que possibilitam as ações educacionais consideramos que o eixo das estratégias pedagógicas têm papel muito potencializador na educação dos alunos com TDAH, pois potencialmente vêm crescendo as concepções de algumas estratégias que fortalecem e auxiliam as práticas pedagógicas do professor em sala de aula.

1 Criação de uma rotina escolar e pausas regulares

A aprendizagem escolar deve se apresentar ao aluno como algo natural e espontâneo, sendo um processo prazeroso. Descobrir e aprender devem ser um grande prazer. Embora o aprender seja algo natural, resulta de uma complexa atividade mental, na qual estão envolvidos processos de pensamento, percepção, emoção, memória, motricidade, mediação, conhecimento prévio, etc.

Educar é uma tarefa que exige muita paciência, dedicação, afeto e treinamento. A educação para o aluno com TDAH pode exigir redobrada atenção, uma vez que é um processo em que são necessários a aquisição de conhecimento e o estabelecimento de regras e limites.



Figura 3

Fonte: Desenhos de Mariane França Melo

Quando se trata de problemas de aprendizagem escolar, “de nada adiantam medidas como o reforço ou a aula particular apenas, seria como ministrar o antitérmico sem o antibiótico”. (BOSSA, 2000, p. 12). A identificação das causas dos problemas requer estratégias para sanar as dificuldades encontradas pelo aluno. Pensando no aluno com TDAH, o professor deverá estar em constante inovação de formas educativas para incentivar o aprendizado desse aluno. Mas

tais inovações devem sempre estar dentro de uma rotina pré-estabelecida, para facilitar a fixação e a compreensão dos conteúdos dados pelo professor.

É necessário que haja mudanças simples na rotina da criança, como sentar em carteiras próximas ao quadro negro e longe de janelas ajuda a focar a atenção mais facilmente. Combinados em conjunto com a criança, a aplicação de pausas regulares durante as aulas pode auxiliar muito a melhoria do rendimento escolar desse aluno. Todas as regras devem ser colocadas de forma firme e consideradas rígidas, a serem seguidas no dia a dia do aluno com TDAH, mas nunca deve ser imposta com o intuito de punir. Devem ser sempre colocadas de forma clara e objetiva, sem um tom de cobrança.

2 Estimular e reforçar positivamente atitudes acertadas do aluno

O comportamento da criança com TDAH é desigual, imprevisível e não reativo às intervenções normais do professor. Isto, muitas vezes, leva a interpretar o comportamento da criança como desobediente. (BETTEGA, 2004).

Nesse sentido, tem-se a necessidade de o professor relacionar-se com o aluno, antes de tudo, como indivíduo com possibilidades de crescimento.

A relação entre o professor e o aluno com TDAH poderá favorecer o surgimento de meios para estimular e reforçar positivamente boas atitudes do aluno com o transtorno. Para Barkley, “elogios e outras formas de atenção, como um sorriso, um sinal, são as ferramentas mais básicas de manejo que os professores têm à disposição”. (BARKLEY, 2002, p. 251).

Trata-se de uma estratégia simples, mas que, segundo autor, utilizada de forma sistematizada, requer grandes habilidades. Landskrone Sperb (2008) aborda em pesquisa que alguns professores não compreendem o quanto esse ato representa, não considerando

esse tipo de prática pedagógica como um trabalho válido em sala de aula com crianças com TDAH. São consideradas estratégias alternativas, paliativas, implantadas enquanto as famílias não se comprometem com o tratamento do transtorno.

3 Recompensas palpáveis e programa de fichas

Segundo Barkley, “o benefício de elogiar e ignorar geralmente não é suficiente por si próprio.” (BARKLEY, 2002, p. 252). Esse autor explica que pode ser administrada uma grande variedade de recompensas muito mais vigorosas, geralmente sob forma de privilégios, como auxiliar o professor em sala. Outro aspecto que autor ressalta é o uso de fichas, pontos e moedas. Trata-se de uma prática pedagógica elaborada sob forma de reduzir a teimosia e a hostilidade ou o comportamento inadequado enquanto aumenta a cooperação da criança com TDAH. O programa de fichas pode ser muito útil para auxiliar a criança com TDAH. Quando a criança é recompensada, ela tende a se esforçar mais para atingir determinado objetivo”.

Barkley (2002, p. 253) ressalta que “programas com fichas também podem ser usados para um grupo de crianças, com todos os membros da sala ganhando recompensas baseadas no comportamento de um ou mais colegas da sala ou do grupo inteiro”. Para o autor, os programas em grupos são eficazes. Se a professora delimita pontos a serem alcançados relacionados ao comportamento, a turma auxilia o colega com TDAH a se comportar bem, a seguir regras para que toda a turma alcance os objetivos propostos pela docente.

Barkley sugere que:

Uma forma diferente desse programa envolve dividir a sala de aula em equipes que ganham e perdem pontos dependendo de seu comportamento. A equipe com

maior número de pontos positivos ou menor número de pontos negativos ganha privilégios para o time todo. A abordagem em grupo apresenta a vantagem de não selecionar a criança com TDAH. Mas esse benefício deve ser pesado contra o potencial da criança com TDAH de ser difamada por penalizar a classe toda quando se sai mal. (BARKLEY, 2002, p. 253).

O objetivo do programa de fichas deve ser visto de forma crítica. Para Barkley (2002, p. 253), “fornecer recompensas por desempenho excelente funciona bem para outras crianças, mas muitas crianças com TDAH precisam de mais afirmação para conquistas menores.” Nesse sentido, o professor deve começar a recompensar seu aluno com TDAH por conquistas menores, como concluir uma tarefa pedida.

4 Vivências Lúdicas

As vivências lúdicas, por meio do ato de brincar, são uma estratégia que promove a adaptação do aluno com TDAH e maximiza as relações sócio-interativas. Portanto, torna-se instrumento para o desenvolvimento de diversas habilidades desses alunos. Além disso, o Ministério da Educação aponta que “As vivências lúdicas trabalham ao mesmo tempo a motricidade, a atenção, a memória, o raciocínio, a criatividade, a aprendizagem, a ansiedade, a organização espacial, a coordenação motora e o esquema corporal.” (BRASÍLIA, 2004, p. 38).

Essa estratégia poderá ser praticada por professores de qualquer disciplina, por todos os alunos e em diversos espaços da escola. Por meio de uma atraente e prazerosa brincadeira, o professor deve buscar despertar e manter a atenção e a organização, para que, gradualmente, as transforme em estáveis e duradouras. Para Loureiro (2006), a atenção desperta um estado de “tensão psíquica”, que permite à criança aprender os diversos estímulos que lhe são dados. A estimulação

visual, auditiva, sinestésica etc. que o indivíduo receba dá origem às mais variadas impressões que, por meio das diferentes vias de recepção sensorial, chegam à memória e se gravam nela.

Acriança tem sua curiosidade despertada por brincadeiras e jogos e, por meio deles, se relaciona com o ambiente social e físico, assim amplia seus conhecimentos e habilidades. O momento lúdico é uma ferramenta pedagógica que proporciona o desenvolvimento humano cognitivo e emocional de forma a contribuir para a aquisição de habilidades, mudanças de comportamento; trabalha a concentração e a atenção. Considerando as características do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, atividades que facilitem a espontaneidade ajudam na sua formação social e crítica.

O ato de brincar estimula a curiosidade e a confiança e proporciona o desenvolvimento da linguagem, pois, brincando, a criança adquire afinidade necessária consigo mesma e amigos. Além disso, propicia ao aluno com TDAH a descoberta de caminhos curtos e prazerosos para alcançar a atenção, a organização e a memória.

O brincar desenvolve a imaginação, estimula a atividade motora, faz criar cumplicidade entre aqueles que jogam e dançam juntos (socialização), independentemente de seus graus de habilidades/capacidades e das necessidades educacionais especiais. O brincar é vital para o desenvolvimento do potencial de todas as crianças. (BRASÍLIA, 2006, p. 38).

Nota-se a necessidade de trabalhar com as crianças com TDAH, primeiramente, em suas características individuais e estimulá-las para, depois, estabelecer um melhor contato com os amigos de classe. As atividades podem ser feitas dentro e fora da sala de aula, como brincadeiras de roda, jogos pedagógicos, jogos lógicos, brinquedoteca e biblioteca.

As experiências do cotidiano mudam e desenvolvem a criança, suas atitudes, seu comportamento. Como afirma Axline:

A dinâmica da vida é tal, que qualquer experiência, atitude ou pensamento de todo indivíduo está constantemente mudando em relação à interação das forças psicológicas e ambientais sobre todos e cada um dos indivíduos, de maneira que o que aconteceu ontem não tenha para ele o mesmo sentido que tinha quando sucedeu, por causa do impacto das forças da vida e da interação dos indivíduos; da mesma forma, amanhã a experiência será integrada diferentemente. (AXLINE, 1972, p. 11).



Figura 4

Fonte: Desenhos de Mariane França Melo

Nesse processo o professor aparecerá como peça fundamental, incentivando, estimulando e provocando situações que exijam do aluno concentração e/ou organização e/ou memória, pois a educação dessas habilidades é essencial e precede o ensinamento e a aprendizagem.

O artigo Dificuldades Acentuadas de Aprendizagem ou Limitações no Processo de Desenvolvimento publicado pelo MEC na coleção “Saberes e práticas da inclusão” nos oferece um exemplo de atividade corriqueira, mas que foi organizada com o objetivo de trabalhar diversas habilidades no aluno:

Jogar a bola na parede e apanhá-la obedecendo a sequência: ordem, seu lugar, sem rir, sem falar, um pé, o outro, uma mão, a outra, bate-palma, pirueta, trás e frente, bate e queda. Essas atividades, além de fornecerem preciosas informações sobre o esquema corporal, poderão nos proporcionar dicas sobre coordenação motora ampla e refinada, coordenação viso-motora, equilíbrio, marcha e corrida, lateralidade corporal, atenção e concentração, desenvolvimento das funções temporais e espaciais... (BRASILIA, 2006, p. 47).

A criança que é estimulada e cresce livremente, descobre e explora caminhos diversificados que levam a constantemente optar, tomar consciência de sua própria possibilidade de escolha, valoriza o meio em que vive cria novas relações com seu meio modificando-o e se mudando. Ao adaptar a realidade ao seu gosto no ato de brincar, a criança expressa seus sentimentos de ambição, desejo, amor, crueldade, ódio, a vontade de dominar ou destruir de forma prazerosa e também descobre seu caminho, testa a si próprio, deixa revelar sua personalidade, toma a responsabilidade por seus próprios atos.

5 Brinquedoteca

Antigamente, brincar era uma atividade característica tanto das crianças quanto dos adultos, representando para ambos um importante segmento de vida. As crianças participavam das brincadeiras e dos jogos dos adultos e também brincavam separadas; os jogos e as brincadeiras aconteciam em lugares abertos, como praças públicas.

A brincadeira era o fenômeno social do qual todos participavam e que, aos poucos,

devido à modernização, foi substituída por outros meios de interação. Um dos fatores foram os processos sociais que visavam à infância como meio de modelar o homem em miniatura para ser mais racional, disciplinado e produtivo. Mas a preocupação com o desenvolvimento da criança através do lúdico fez os educadores Pestalozzi, Froebel e Montessori serem pioneiros no reconhecimento da importância da manipulação de brinquedos para a aquisição de experiência e a construção de conhecimentos.

A brinquedoteca é um espaço preparado para estimular a criança a brincar, possibilitando o acesso a uma grande variedade de brinquedos, dentro de um ambiente especialmente lúdico. É um lugar onde tudo convida a explorar, a sentir, a experimentar. (FRIEDMANN, 1992, p. 36),

Propriedades do ato de brincar permitem que o professor crie novas brincadeiras e/ou reinvente novas maneiras de praticá-las, tendo como objetivo as características individuais e a conquista de habilidades do aluno com TDAH. Qualquer brincadeira poderá ser suporte para trabalhar as habilidades necessárias ao aluno com TDAH, o desafio do professor é investigar nesses alunos as brincadeiras de sua preferência, aquelas que ele sente prazer em exercer. De acordo com Pozo (2002, p. 148), na tentativa de desenvolver a atenção das pessoas com TDAH, deve-se lembrar que “nem todos os estímulos e informações chamam a atenção igualmente”. Portanto, na execução das brincadeiras, o professor deve considerar as necessidades de cada aluno e distinguir as possibilidades de aprendizagem do prazer que conduzem à aprendizagem.

Brincar é essencial à saúde física, emocional e intelectual do ser humano. Brincar é coisa séria, também, porque na brincadeira não há trapaça, há sinceridade, engajamento voluntário e doação. Brincando nos reequilibramos,

reciclamos nossas emoções e nossa necessidade de conhecer e reinventar. E tudo isso desenvolvendo atenção, concentração e muitas outras habilidades. (FRIEDMANN, 1992, p. 35).

Crianças com TDAH necessitam de atividades que lhes propiciem oportunidades de agir e ficar entretidas. Nesses casos, é necessário preparar um ambiente especial e brinquedos adequados. Se a criança é agitada, não pode ficar presa a um espaço superlotado, com móveis e muitas coisas pelo chão, pois vai derrubar e tropeçar constantemente. É aconselhável selecionar brinquedos adequados às especificidades da criança. Se o tempo de concentração da atenção é muito pequeno, é preciso que o professor elabore uma dinâmica curta, caso contrário não terá motivação para continuar a atividade.



Figura 5

Fonte: Desenhos de Mariane França Melo

As crianças com TDAH possuem características peculiares, às vezes podem ser desatentas e/ou agitadas demais, diante disso é necessário que se utilizem brinquedos menos perigosos, que possam ser manuseados mais descuidadamente ou, até mesmo, ser atirados sem perigo de ferir alguém. O brinquedo deve provocar estímulos que desencadeiem o

desenvolvimento da atenção, da percepção e da organização.

As crianças se desenvolvem através de sua interação com ambiente que as envolve, mas a profundidade dessa interação vai depender dos estímulos significativos. Os brinquedos são indispensáveis ao processo de ensino e aprendizagem das crianças por serem instrumentos que possibilitam a vivência de experiências concretas, tão necessárias a elas. Mas não se pode esquecer a importância da demonstração do uso funcional do brinquedo e da necessidade de graduar as dificuldades para que possam ser vencidas, de acordo com o ritmo e a capacidade de cada um. Não se pode esquecer a ligação afetiva que acontece entre os brinquedos e as crianças, é preciso respeitá-las.

O papel do brinquedo é estimular a brincadeira e não pode ser transformado em objeto de terapia estimuladora. Isto seria terrivelmente desestimulante. (CUNHA, 1992, p. 119).

O professor que desenvolve seu trabalho utilizando a brinquedoteca como ferramenta lúdica proporciona aos seus alunos, por meio do brincar, a liberdade de autoexpressão, oportuniza-lhes a manifestação de seus sentimentos e problemas através do brinquedo. Brincando com a criança ou deixando-a brincar é possível perceber-lhe a maturidade, a inteligência, a imaginação e a criatividade, a organização cognitiva e a orientação da realidade, o estilo, o campo de atenção e a capacidade de resolução de problemas, as habilidades e as mudanças ocorridas em suas atitudes.

Considerações finais

Os alunos com TDAH têm direito à educação e ela deve ser dada de forma a oportunizar o maior nível de conhecimento possível. Trata-se de uma tarefa difícil, pois

conciliar o comportamento do aluno com TDAH com uma prática que o envolva requer um investimento do professor.

Nesse sentido, percebemos que o aluno com esse transtorno poderá necessitar de diferentes estratégias pedagógicas que lhe possibilitem acesso ao conhecimento mais significativo. É necessário que essas ferramentas auxiliares sejam utilizadas não apenas como medidas didáticas, mas de forma educativa para um bom desempenho pedagógico e social do aluno.

Ressaltamos algumas práticas pedagógicas auxiliares à didática do professor, que não impedem que ele utilize outras. O professor, em geral, precisa ser criativo em suas aulas, recorrendo a uma variedade de alternativas, avaliando qual delas contempla melhor as necessidades dos alunos; precisa ter a capacidade de ser flexível, adequando-se ao estilo de aprendizagem e às necessidades do aluno com TDAH, sempre o estimulando e o motivando.

Há, por fim, a necessidade de pesquisas mais apuradas que se baseiem em reflexões que levem o educador a identificar novas perspectivas para o trabalho com os alunos com TDAH.

Referências Bibliográficas

AXLINE, Virgínia Mãe. **Ludoterapia: a dinâmica interior da criança**. Tradução Ângela Maria Valadares Machado Coelho. Belo Horizonte: Interlivros, 1972.

BARKLEY, Russel A. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: TDAH**. Tradução Luiz Sérgio Roizman. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BOSSA, Nádia A. Bossa. **Dificuldades de aprendizagem: O que são? Como tratá-las**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

BRASÍLIA. Ministério da Educação. **Saberes e Práticas da Inclusão**: Dificuldades Acentuadas de Aprendizagem ou Limitações no Processo de Desenvolvimento. Brasília: Secretaria de Educação Especial. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dificuldadesdeaprendizagem.pdf>. Acesso em: 30 outubro 2010.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 1990

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. **Desafios na formação do educador**: Retornando o ato de educar. Campinas (SP): Editora Papirus, 2002.

FERREIRA, Windyz B. Educação inclusiva: será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos???. **Inclusão**: Revista da Educação Especial, Brasília, v. 1, n. 1, out. 2005.

FRIEDMANN, Adriana et al. **O direito de brincar**: a brinquedoteca. São Paulo: Página Aberta, 1992.

GOLDSTEIN, S.; GOLDSTEIN, M. **Hiperatividade** – como desenvolver a capacidade de atenção da criança. Tradução Beatriz Celeste Marcondes. Campinas (SP): Papirus, 2007.

LOUREIRO, M. Beatriz. **Psicomotricidade**. São Paulo: ISPEGAE. 2006.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ROHDE, L. A.; MATTOS, P. (Ed.). **Princípios e práticas em TDAH**. Porto Alegre: Artmed, 2003

ROSSET, M. Solange. **Transtorno de déficit de Atenção e hiperatividade**. Disponível em: www.srosset.com.br/resenhas/transtorno-de-deficit.html . Acesso em: 14 maio 2009.

SEIXAS, Louise Marguerite Jeanty de. **Estratégias pedagógicas para um Ambiente Multi-agente Probabilístico Inteligente de Aprendizagem - AMPLIA**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

TEIXEIRA, Gustavo. **Transtornos Comportamentais na Infância e Adolescência**. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2006.